

Maluf evita qualquer comentário

por Walter Marques
de Brasília

Políticos influentes e assessores dos dois candidatos à Presidência da República encontram explicações bastante diferentes sobre a recente intervenção política dos Altos Comandos militares no processo sucessório, à frente os ministros Walter Pires, do Exército, Alfredo Karam, da Marinha, e Délio Jardim de Mattos, da Aeronáutica.

Publicamente, o candidato do PDS, deputado Paulo Maluf, e seus assessores evitaram na sexta-feira qualquer identificação de interesses estratégicos comuns entre sua campanha e as manifestações dos chefes militares. Reservadamente, contudo, influentes e ativos malufistas vêem nessas manifestações parte de um plano para ganhar com Paulo Maluf no Colégio Eleitoral.

O ex-governador Tancredo Neves, falando no Rio na última sexta-feira, disse que os ministros do atual governo "estão exagerando" e reiterou, conforme a Agência Globo, que ele e seu futuro governo — caso seja eleito — não têm nenhum compromisso com os grupos radicais de esquer-

da e o apoio que recebe dos partidos que estão na ilegalidade é espontâneo. Na mais alta cúpula de seu comitê de campanha, todavia, vê-se na intervenção política dos chefes militares um chamamento à moderação e à contenção dos excessos que é dirigido à Aliança Democrática, porque o governo está consciente de que Tancredo Neves vencerá.

DISTANCIAMENTO

Na última sexta-feira, ficou claro o propósito do deputado Paulo Maluf de descartar qualquer identificação entre sua candidatura, na sua campanha, e esta ofensiva dos ministros militares. Por cerca de meia hora o candidato do PDS evitou sistematicamente comentar a nota do Ministério do Exército, que registrou e divulgou à imprensa as preocupações tematizadas pelos generais durante a reunião do Alto Comando.

Os jornalistas foram muito insistentes. Primeiro perguntaram-lhe diretamente sobre a nota do Alto Comando do Exército, e o deputado disse não a ter lido e estar, portanto, impedido de comentá-la. Argumentou também que os ministros militares não precisavam pedir-lhe autoriza-

ção para reunir-se e ele, enquanto candidato do PDS, prosseguia em seu trabalho eminentemente político.

Os jornalistas tentaram então com perguntas sobre o teor da nota do Exército. Mas o deputado Paulo Maluf evitou novamente qualquer comentário. Em seguida, uma repórter passou-lhe o texto integral da nota. O deputado leu-o e evitou mais uma vez um comentário direto. "A nota é auto-explicativa", disse laconicamente Paulo Maluf, que passou a comentar que os excessos e as agressões no comício de Goiânia foram confessados pelo próprio candidato da Aliança Democrática, ex-governador Tancredo Neves, conforme suas próprias declarações publicadas na sexta-feira pela imprensa.

Paulo Maluf chegou ainda a afirmar que, se o ex-governador Tancredo Neves não tem condições de controlar seus próprios comícios, isto, a seu ver, quer dizer que ele não tem competência para ser presidente da República.

SÉRIE DE ADVERTÊNCIAS

Mas, na cúpula do comitê de campanha de Paulo Ma-

luf, via-se na disciplinada advertência dos chefes das três armas mais um aviso, o quarto de uma série que ainda não terminou. O primeiro foi a ordem do dia do ministro Walter Pires, no Dia do Soldado; o segundo, o discurso do brigadeiro Délio Jardim de Mattos em Salvador, no último dia 4; o terceiro, o próprio pronunciamento do presidente João Figueiredo na terça-feira passada. Os militares, conforme a fonte malufista, estão avisando que não aceitam uma derrota do governo no Colégio Eleitoral, e novos avisos virão. Nessa linha de ação, pressionaram e pressionam o presidente da República a apoiar o candidato do PDS. Mas, conforme a mesma fonte, ainda exercerão sua pressão sobre os pedessistas que apóiam Tancredo Neves e sobre o próprio Colégio Eleitoral com as medidas de emergência, para que, no dia 15 de janeiro "tudo se passe como num chá inglês". As advertências dos militares, contudo, têm exigido de Paulo Maluf o cuidado sistemático de afastar-se do mero continuísmo, evitando declarações a eles favoráveis, e de Tancredo Neves a reiteração de que aceita o apoio das esquerdas, mas com elas não se confunde.